

Cadernos de processos audiovisuais

Página 1

Venho, por meio desta proposta de caderno de processo, experimentar a linguagem do documentário enquanto gênero cinematográfico e audiovisual, tensionando as fronteiras entre o escrito e o gravado: fazendo notas eletrônicas; transcrições de pensamentos; escritas performadas; entrevistas-fantasmas; plasmas de tempo e espaço; e bricolagens de materiais audiovisuais para pensar coletivamente – mas, num diálogo de alteridades –, sobre dispositivos que permitam o fabular por sobre a superfície do real.

O formato desse caderno de processo será inspirado no livro “Fragmentos de um discurso amoroso”, de Roland Barthes, livro-paixão minha, tão cabeceira pra mim quanto documentários e cinema. Portanto, ele vai vir sempre em parágrafos desaparafusados, como escritos soltos em páginas de um moleskine, que podem ou não ter relação entre si, como jorros de memória, fragmentos de pensamento, pedaços de histórias, recortes de arquivo que vão se costurando ou sendo descartados à medida em que a mortalha audiovisual documental vai sendo tecida.

Tal como se fossem brutos de câmera de um documentário que está sendo gravado e/ou editado, que, por vezes, não têm nenhuma relação lógica entre si – além do fato de estarem ali para discutir uma determinada pele-tessitura do real . A ‘pars pro toto’ de que falava Roman Jakobson. Assim, como blocos em construção, a cada mês eu colocarei aqui minhas experiências no processo de realização de documentários nos quais eu esteja envolvida, sempre trazendo, a reboque, reflexões práticas e teóricas

sobre o fazer documental e audiovisual. Pedacos de subjetividade, memória e conversas filosóficas, teóricas e metafísicas... tais como vocês encontram no meu livro-paixão, de Barthes, ao qual me referencio neste experimento.

Outra forte referência para este formato/pensamento/experimentação é o trabalho com cadernos de processo desenvolvido pela pesquisadora Ana Kiffer, que é Doutora em Letras/ Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Professora Associada do Departamento de Letras da PUC-RJ, e que atua na área de Letras, principalmente na de literatura comparada (com ênfase nas relações entre literatura, arte e filosofia) e na teoria da literatura tendo como questão primordial a análise das relações entre o corpo e a escrita. A partir da leitura de sua obra e do conhecimento de seu trabalho, me veio essa vontade de brincar com este conceito, de caderno de processo para o audiovisual, testando a possibilidade da existência de uma “escrita” que prescindia de um suporte palpável e que possa se dar, enquanto tangibilidade, diretamente por sobre o real. Como se fora uma construção performática da subjetividade, conceito que me saltou aos olhos em um dos textos de Kiffer, o “Escrita de corpos efêmeros – cadernos”¹

Todo mês, também, proporei leituras e um exercício-caderno-de-processo, para que façam e depositem [aqui](#). Esses exercícios tanto podem leva-los a contribuir com o meu trabalho documental – já que me proponho, aqui, a um processo coletivo-alter-performático (juro que explico esse conceito nos próximos cadernos!) –; quanto podem induzi-los ou conduzi-los a seus

¹ KIFFER, Ana. “Escrita de corpos efêmeros, cadernos”. In: Poesia e Interfaces. (orgs) JACQUES de MORAES, M & LEMOS, M. Rio de Janeiro, 7Letras, 2016.

próprios processos/experimentos/trabalhos
documentais.

E o primeiro exercício deste caderno-vivo-documental é: qual seria uma imagem ou um som que te emocionaria a ponto de você querer contar uma história? Descreva/fotografe/grave/desenhe/borde uma imagem ou som que te comova tanto, ao ponto de deslanchar em você o processo do pathos cognitivo². Vocês podem produzir essa imagem/som a propósito, para “colar” no nosso caderno-de-processo-organismo, ou se apropriar de alguma referência já existente, desde que se confira o devido crédito.

E, para finalizar, vou descrever a imagem geradora que me emocionou ao ponto de querer fazer meu próximo documentário: *Minha primeira lembrança de vida é de ir com minha mãe até o jardim de infância de minha irmã mais velha, porque os coleguinhas de sala a estavam chamando de macaca – e a professora nada fazia para reprimi-los. Minha mãe era branca, casada com um homem negro. Por passar a maior parte do tempo com ela, eu, àquela altura, me via em seu espelho. Mas, quando ela bradou palavras reveladoras do racismo estrutural para a professora, me olhei no espelho da minha irmã, ali, alquebrada pelo racismo que sofreu com apenas cinco anos. Ali, não só me descobri negra, como senti a dor que eu teria de enfrentar e superar.*

² “Persuadir os ouvintes por meio das paixões, eis a finalidade dos argumentos patéticos. As paixões (*pathos*) agem diretamente no auditório, porque, como bem anota Aristóteles (*Arte Poética e Arte Retórica*, 1964, p.100), as paixões “são as causas que introduzem mudanças em nossos juízos”, que variam consoante experimentamos um sentimento agudo, como a alegria ou o ódio. As paixões, enfim, levam o auditório, pela emoção, a esposar a proposição do orador. (verbetes escritos por João Adalberto Campato Júnior, para o E-Dicionário de Termos Literários, de Carlos Ceia. Acessado em 11 de novembro de 2019).